SELETIVIDADE LEXICAL E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

16
aula

META

Apresentar a distinção entre lexia, vocábulo e palavra; aprofundar o conceito de discurso; apresentar a distinção entre sentido e significado; mostrar a relação entre palavra e discurso; definir os conceitos de saliência e relevância.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: distinguir e reconhecer lexia, vocábulo e palavra; relacionar a seletividade lexical à construção da historicidade dos discursos; saber atribuir relevo ou construir saliências no texto pela estratégia da seletividade lexical, de modo a possibilitar a construção de novos sentidos.

PRÉ-REQUISITOS

Noções de texto e discurso; noção de sujeito.

INTRODUÇÃO

Nesta aula, você aprenderá que a seletividade lexical é uma das estratégias mais importantes no processo de construção de sentidos. Para isso, apresentaremos algumas noções básicas da lexicologia - disciplina que estuda o léxico de uma língua – que lhe possibilitarão definir a palavra, além de distingui-la do vocábulo e da lexia ou signo lingüístico. Você verá que a palavra é objeto do discurso, e como tal sua manifestação em textos oferece pistas para desvendar as posições ideológicas e políticas ocupadas pelos sujeitos discursivos.

(Fonte: www.amist.blogger.com.br).

Àquilo a que vulgarmente chamamos de *palavra* corresponde, no campo das ciências da linguagem, a três diferentes termos, representativos de três conceitos diferentes de unidades léxicas: a *lexia*, o *vocábulo* e a *palavra-ocorrência*, ou simplesmente, *palavra*.

LIMITES CONCEITUAIS

A disciplina lingüística que se ocupa do estudo do léxico de uma língua é a *lexicologia*. É comum definir o léxico como conjunto de palavras. Contudo, nos deparamos com uma primeira dificuldade: o que é a palavra?

Vejamos dois critérios para defini-la:

a) Critério fonético

De acordo com esse critério, a palavra seria uma unidade acentual, um conjunto marcado por um só acento tônico. Não duvidamos de que *lâmpada*, *fósforo*, *chá* correspondem ao critério proposto; contudo, uma expressão como *com medo* também satisfaz à exigência acentual, pois a preposição *com* é átona. Nesse caso, o grupo *com medo* apresenta um só acento tônico, mas não constitui uma palavra do ponto de vista gráfico.

Em suma, há unidades acentuais que não são palavras, logo o critério fonético revela-se insuficiente para defini-las.

b) Critério semântico

> As formas homônimas apresentam a mesma estrutura fonológica, porém inteiramente distintas quanto ao ponto de vista significativo.
> (KEHDI, Valter. 2000. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática.

Caráter polissêmico

Possibilidade de variações de sentido em função dos diferentes contextos.

Se estabelecermos esse critério, teremos problemas com os casos de homonímia.

Observamos que *manga*, nos seus diferentes significados, é uma só palavra, ou haveria tantas palavras quanto os diversos significados correspondentes? A resposta não é tão simples quanto parece, pois o **caráter polissêmico** de *manga* impstabelecimento de limites claros entre palavra e homonímia.

Diante da dificuldade para definir a palavra, Bernard Pottier (1978) propôs o conceito de lexia como unidade lexical memorizada. Esse conceito refere-se ao modo pelo qual nós interagimos com o mundo "real" ou "imaginário" e dele apreendemos traços de significação que definem um conceito, de modo a que possamos nomeá-lo. Por exemplo, ao avistar um cachorro, a mamãe diz ao seu filho pequeno: *% Veja, o "au-au"*. Esse comportamento lingüístico da mãe revela-se eficaz para o processo de interação do filho com o mundo "real", pois a criança ainda não consegue discernir outros traços de significação que diferenciam o cachorro do gato, por exemplo. Apenas mais tarde, é que ela conseguirá reunir traços distintivos entre ambos, como o *modo de andar, tamanho, formato da cabeça e dos membros*, que permitirão à criança nomeá-los devidamente como <<gato>> e <<cachorro>>. Veja o quadro abaixo para que você compreenda melhor o que são os traços de significação, conhecidos também como *semas*.

	CARNÍVORO (SEMA 1)	QUADRÚPEDE (SEMA 2)	TER PÊLOS (SEMA 3)	LATIR (SEMA 4)
CACHORRO	+	+	+	+
GATO	+	+	+	-

Primeiramente, você precisa entender que o sinal positivo indica presença do traço de significação e o sinal negativo indica ausência do mesmo traço na lexia considerada. Veja que, nesse quadro, o único sema distintivo entre <<cachorro>> e <<gato>> é /latir/, os demais são positivos e não distintivos. Isso significa dizer que, grosso modo, as lexias <<cachorro>> e <<gato>> só designam diferentes seres do mundo porque possuem um traço distintivo.

O quadro que você acabou de observar revela que só conseguimos nomear as coisas ou seres, quando apreendemos os seus semas ou traços de significação pelo contato que estabelecemos

com outras coisas ou seres de um mesmo universo de experiência, isto é, de um mesmo contexto, como é o caso de *cachorro* e *gato*, ambos pertencentes ao universo de animais domésticos.

Com efeito, podemos considerar que lexia é sempre a unidade que se constitui por um conjunto de semas, ao qual chamamos *semema*. Segundo Pottier (1978), há lexias simples, como *cachorro, gato*, *mesa*; lexias compostas, como *guarda-chuva*, *passatempo*, casa *de detenção*; e, lexias complexas, como *água mole em pedra dura tanto bate até que fura*.

No caso das palavras homônimas, como no exemplo anterior *manga*, temos uma mesma lexia, que se desdobra em dois vocábulos. De acordo com Bizzocchi (1997), cada vocábulo de uma mesma lexia é gerado em condições diversas dos demais vocábulos dessa mesma lexia, segundo um **processo neológico**, isto é, de criação de novos vocábulos, que lhe é específico. Não podemos, pois, afirmar que *casa*, na acepção de "moradia", tenha a mesma natureza do vocábulo *casa* em sua acepção matemática.

Processo neológico

Relativo a neologia - criação ou emprego de palavras ou de acepções novas.

Por outro lado, o vocábulo não é a palavra, visto que ela só se define como tal quando atualizada em textos. Não há palavras fora do texto, há apenas vocábulos. Podemos entender a palavra como lexia-ocorrência, que, ao ser utilizada no texto, não só assume uma definição institucionalizada como também produz "efeitos de sentido" que ressemantizam o sentido vocabular dicionarizado e instituído socialmente.

A título de exemplificação, veja como isso funciona no plano textual:

A FOLHINHA

A folhinha inventou-a algum boticário do interior para uso de sua cidade-aldeia, onde correm os dias tão iguais e parecidos que só por meio dela podemos distinguir uma segunda duma terça ou quarta-feira.

Um só dia tem feição própria: o domingo. Assinala-o a roupa limpa, a roupa nova, a roupa preta que surge pelas ruas a

tomar sol no corpo de toda gente. Redobram de movimento as praças. Caras novas de gente extramuros dão ares de sua graça. Há mercado cedo, missa às onze; depois pelo resto da tarde, continuam a assinalar o Dia do Senhor caboclos e negros encachaçados, aglomerados pelas vendas. Vendem elas mais pinga nesse dia do que durante a semana inteira. Todos voltam para casa mais ou menos chumbeados. Os 'de cair' dormem na cidade. Os de pinga exaltada, no xadrez. E assim transcorre o belo domingo sem necessidade de irmos à folhinha para sabermos que dia é.

(LOBATO,M. – Cidades Mortas. São Paulo, Brasiliense, 1995: 34)

Quando lemos apenas o título desse texto, ativamos vários significados para o termo *folhinha*. Veja alguns deles:

- Folha pequena de árvore;
- Folha de papel;
- Calendário.

À medida que progredimos na leitura do texto, somos obrigados a escolher o significado "calendário" para o termo *folhinha*, dado o contexto situacional ao qual o texto se insere. Contudo, não é apenas isso que ocorre nesse texto. Há também a ressemantização da palavra *folhinha*, que pode assumir outros sentidos não dicionarizados, como, por exemplo, *folhinha é um invento fracassado de um boticário do interior para que os habitantes da cidade-aldeia pudessem distinguir os dias da semana.*

Redefinimos *folhinha* pela sua ocorrência particular no texto de Lobato, contudo não abandonamos o significado de base presente no dicionário. Isso implica dizer que todo texto é lugar de ressemantização de conteúdos conhecidos. Reside aí a diferença entre *sentido* e *significado*: este responde por sentidos sedimentados e institucionalizados fora dos textos; aquele responde pela desmobilização e remobilização de semas, de sorte a produzir novos sentidos.

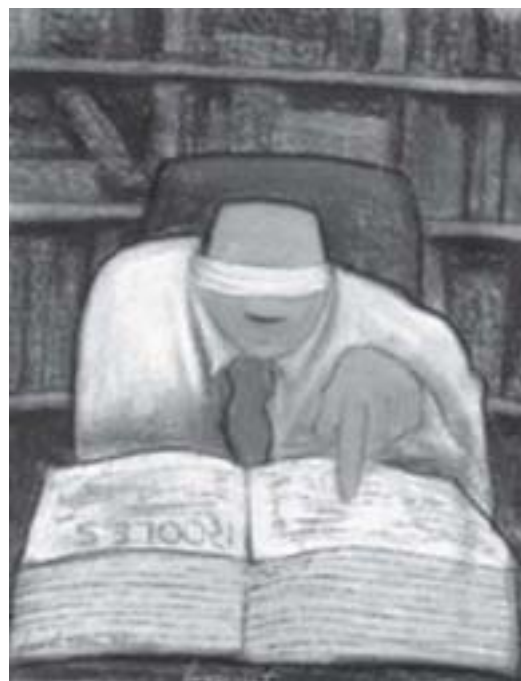
PALAVRA E DISCURSO

Na aula 2, você aprendeu noções básicas do discurso que agora irão lhe servir de apoio para o aprendizado do funcionamento da palavra no interior do processo discursivo. Inicialmente, para que possamos nos deslocar para outras dimensões não lingüísticas, é importante que você saiba que a palavra é ponto de ancoragem em língua. Tal ancoragem lingüística possibilita o transporte para o não lingüístico.

Essas dimensões não lingüísticas são constitutivas de todo processo discursivo. Relembre que todo discurso é uma prática social, e como tal apresenta perspectivas sociais, históricas, culturais e ideológicas. Outro ponto que você não pode se esquecer é de que o texto é a materialidade lingüística do discurso, além de ser o centro comum de negociação de sentidos.

A *historicidade* é a primeira via para a compreensão do funcionamento discursivo. Ela não é mero reflexo de fora, mas se constitui na tessitura da materialidade lingüística dos textos. Esse conceito, no dizer de Orlandi (1990), está ligado a práticas e não ao tempo em si. Ela se organiza tendo como parâmetro as relações de poder e de sentidos, e não a cronologia (Orlandi, 1990: p. 35). Sua relação com o texto não é extrair seu sentido, mas apreender a sua historicidade.

O conceito de *formação discursiva* possibilita entendermos como se apreende a historicidade. A formação discursiva define o que pode e deve ser dito a partir de uma posição do sujeito, em uma certa conjuntura. Esse conceito delineia o espaço do *dizível*, ou seja, do que pode e deve ser dito. Contudo, em situações discursivas, há sempre a presença do Outro, que tanto pode ser o interlocutor direto da interação quanto os desdobramentos do sujeito no interior do próprio discurso.

(Fonte: http://wwwconversasdexaxa3.blogs.sapo.pt).

A presença do Outro instaura no discurso a presença de um complexo de formações discursivas contrárias que, em seu conjunto, define o universo do dizível e especifica, em suas diferenças, o limite do dizer para os sujeitos em suas distintas posições. A *interdiscursividade* se define por esse complexo de formações discursivas e ela nos possibilita entender a historicidade dos discursos.

Observe o discurso da história oficial do Brasil, amplamente veiculado na escola, que legitima a formação discursiva do colonizador português. Aprendemos sobre o "descobrimento" do Brasil e não sobre a "invasão" do Brasil pelos portugueses. Isso implica dizer que a história oficial conta uma história *sobre* o Brasil e não uma história *do* Brasil, pois o uso da palavra *descobrimento* aponta para a visão do colonizador e não do colonizado. É essa relação de forças político-ideológicas, marcada no léxico, que o discurso desvenda, por exemplo.

Toda formação discursiva remete a uma formação ideológica, que é concebida como um conjunto de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas se reportam mais ou menos diretamente às posições de grupos em conflito uns com os outros.

SELETIVIDADE LEXICAL: SALIÊNCIAS E RELEVÂNCIAS

A seletividade lexical pode ser examinada do ponto de vista do autor e do leitor. No primeiro caso, sabemos que o autor se desmembra em vários sujeitos no plano do enunciado, por isso afirmamos, na aula 2, que o texto é o lugar de dispersão dos sujeitos. Assim sendo, os sujeitos falam de diferentes posições no texto, conseqüentemente, remetem-se a diferentes formações ideológicas, por meio de *saliências* evidenciadas pelas marcas lexicais. Por outro lado, o leitor pode atribuir *relevância* a outras passagens do texto, não necessariamente às saliências sinalizadas pelo autor.

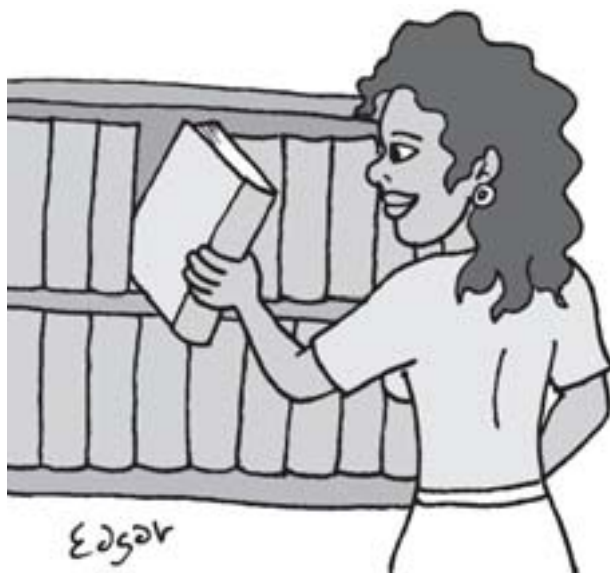
Devido ao fato de nem sempre coincidirem *saliências* e *relevâncias* é que não cabe mais a pergunta "O que o autor quis dizer com isso?". Outro aspecto interessante que advém disso é que o leitor também se inscreve como produtor ou co-autor, visto que ele constrói outros sentidos possíveis para o texto.

Descobrimento do Brasil

ATIVIDADES

Selecione manchetes de jornais diferentes que tratem de um mesmo fato e observe a seletividade lexical nelas empregada. Em seguida, identifique quais são as formações discursivas em que as palavras se inscrevem e a que formações ideológicas se remetem. Em seguida, verifique se, lingüisticamente, houve alteração do semema das palavras analisadas nas manchetes. Em outros termos, houve redefinição? Comprove sua resposta.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Você deve usar um dicionário da língua portuguesa para realizar essa atividade, porque os dicionários trazem as definições dos vocábulos, que ao serem atualizados nas manchetes de jornal podem ser redefinidos.

A seletividade lexical é um dos recursos mais eficientes para o processo de construção de sentidos, tanto do ponto de vista da escrita quanto da leitura. Toda vez que selecionamos uma palavra, esse processo resulta de uma intenção ou plano de ação comunicativa. Por isso, a seletividade lexical aponta para diferentes vozes que constituem cada uma das formações discursivas, que, por sua vez, reportam-se às formações ideológicas, promovendo o encontro e/ou o confronto de diferentes conhecimentos, crenças e atitudes. Esse diálogo entre diferentes formações discursivas possibilita constituir a historicidade dos discursos.

CONCLUSÃO

RESUMO

A palavra está na dimensão do discurso, por isso é veiculadora de outros sentidos que transitam como possibilidades de reconstrução das visões de mundo para além do sentido instituído e legitimado, registrado nos dicionários, sob a forma de definições vocabulares.

A seletividade lexical dos vários sujeitos discursivos promove a construção do universo do dizível, no qual confrontam-se diferentes formações discursivas que, por sua vez, remetem-se a formações ideológicas. O encontro e o desencontro de tais formações, deflagrados pelo emprego da palavra, desvendam os meandros da historicidade dos discursos.

REFERÊNCIAS

BIZZOCCHI, Aldo. **Léxico e ideologia na Europa Ocidental.** São Paulo: Annablume, 1997..

KEHDI, Valter. **Morfemas do português.** São Paulo: Ática, 2000.

LOBATO, Monteiro. **Cidades Mortas.** São Paulo, Brasiliense, 1995.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo.** São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1990.

POTTIER, Bernard. **Lingüística Geral: teoria e descrição.** Tradução de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença: Universidade Santa Úrsula, 1978.